

A LINGUAGEM DO EXORCISMO: PODERES OCULTOS E DISCURSOS DE FÉ DA IGREJA CATÓLICA.

Davi Franco

Mestrando em História PPGHCE - UECE

davisttinsson@gmail.com

Gleudson Passos Cardoso

Professor Associado da UECE e do PPGHCE

gleudson.passos@uece.br

Resumo

Esta pesquisa é integrante do ARCHEA (Grupo de Pesquisa em Cultura Escrita e Oralidade na Antiguidade e no Medievo) e se destina a explorar a historicidade e configuração do ritual de exorcismo maior da Igreja Católica, destacando a influência da linguagem e dos discursos religiosos. A pesquisa utiliza como fontes livros de padres exorcistas da Associação Internacional dos Exorcistas, fundada por Gabriele Amorth. A análise foca no poder dos discursos católicos em estabelecer a possessão demoníaca como fenômeno exclusivo e maligno, justificando a intervenção da Igreja através do exorcismo. A tradição católica define vários tipos de ataques demoníacos, com o ritual de exorcismo frequentemente revelando a possessão. O ambiente ritual, rico em simbolismos, é fundamental para a eficácia do exorcismo, envolvendo crucifixos, água benta, e orações específicas que ativam o imaginário religioso do sujeito. O ritual serve não apenas para expulsar demônios, mas também para reafirmar a autoridade e os valores da Igreja Católica, simbolizando a luta entre o sagrado e o profano. O artigo ressalta a importância do discurso religioso na formação da realidade percebida pelos que creem no sagrado, moldando suas crenças e respostas aos fenômenos espirituais.

Palavras-chave: Exorcismos. possessão demoníaca. Ritual. Discurso. Poder.

Abstract

This research is part of ARCHEA (Research Group on Written Culture and Orality in Antiquity and the Middle Ages) and aims to explore the historicity and configuration of the major exorcism ritual of the Catholic Church, highlighting the influence of language and religious discourses. The research uses as sources books by exorcist priests from the International Association of Exorcists, founded by Gabriele Amorth. The analysis focuses on the power of Catholic discourses in establishing demonic possession as an exclusive and evil phenomenon, justifying the Church's intervention through exorcism. Catholic tradition defines several types of demonic attacks, with the exorcism ritual often revealing possession. The ritual environment, rich in symbolism, is fundamental to the effectiveness of the exorcism, involving crucifixes, holy water, and specific prayers that activate the religious imagination of the subject. The ritual serves not only to expel demons but also to reaffirm the authority and values of the Catholic Church, symbolizing the struggle between the sacred and the profane. The article emphasizes the importance of religious discourse in shaping the perceived reality of those who believe in the sacred, molding their beliefs and responses to spiritual phenomena."

Keywords: Exorcisms. Demonic possession. Ritual. Discourse. Power.

Introdução

As reflexões apresentadas aqui configuram frutos de uma pesquisa historiográfica que está em pleno desenvolvimento e resultará em uma dissertação sobre o poder da linguagem e dos discursos, a partir da análise da historicidade e da configuração da realização do ritual de exorcismo maior da igreja católica.

Os intuits investigativos que fundamentam esta investigação encontram suas raízes ainda na experiência da graduação em História, onde, sob a orientação de excelentes mestres, elaboramos uma pesquisa monográfica de alta qualidade sobre o imaginário cristão em torno da figura do diabo como elemento do discurso religioso. Neste trabalho, aprofundamos e delimitamos o foco de análise para um ritual específico da Igreja Católica, no qual a figura diabólica se apresenta como uma incógnita essencial para o funcionamento da equação “exorcística”.

Para possibilitar essa investigação histórica a qual deriva as reflexões que irei traçar aqui, optamos por utilizar como fontes, um conjunto de livros escrito por padres exorcistas vinculados a Associação Internacional dos Exorcistas (AIE), uma organização fundada pelo “grande exorcista de Roma” Gabrielle Armoth, junto de outros exorcistas em 1990, em um contexto onde o assunto da possessão demoníaca e do exorcismo ganhava uma inédita atenção pública, virando alvo de curiosidade e interesse popular.

A Associação Internacional dos Exorcistas é ponto chave para entendermos o processo que buscamos analisar, pois este grupo de exorcistas, no fim do século XX e adentrando o século XXI, impele a Igreja Católica a não desconsiderar o exorcismo enquanto prática católica legítima.

A Igreja Católica nunca deslegitimou oficialmente o exorcismo. No entanto, ao longo do século XX, com os avanços na compreensão das doenças mentais, a demanda por padres exorcistas para diagnosticar indivíduos considerados possuídos diminuiu consideravelmente. O fenômeno misterioso da possessão, outrora atribuído a influências demoníacas, passou a ser reavaliado à luz das novas interpretações patológicas. Com isso, surgiram abordagens terapêuticas distintas, muitas vezes mais eficazes que o exorcismo tradicional, para tratar tais casos.

Nesse sentido, essa organização surge se colocando como autoridade pontifica sobre o assunto, e buscando estabelecer seu discurso sobre possessões como único e verdadeiro. Essas obras que usamos como fontes, “embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado

na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam”. (Chartier, 2002, p. 17).

Essas fontes escolhidas configuram um inventário de livros escritos com a expressa finalidade retomar a prática de um ritual medieval, com a seriedade que se fazia no medievo, e de difundir esse entendimento sobre essa prática ritualística necessária ainda nos dias atuais, e que deve ser mantida e melhor discutida pela Igreja.

Em um campo discursivo em disputa como é o caso do ritual de exorcismo, diferentes regimes de verdade competem para se estabelecer como normativos, é um campo onde os discursos disputam a cristalização enquanto verdade, buscam a aceitação maior, é uma disputa onde se compete não só para estabelecer o que é dito, mas também para estabelecer o que deve ser silenciado (Foucault, 1996).

É interessante incorporar essa última citação de Foucault, para reiterarmos que, o fato de os exorcismos não terem sido sequer citados no concílio do vaticano II, e pelo contrário, como nos explica Laycook (2022), após esse concílio há um profundo esforço por parte da Igreja para minimizar os traços mais sobrenaturais da tradição católica, afim de aproximar as crenças católicas a um alinhamento com o pensamento moderno, com a intenção de assim, conseguir atingir um público mais jovem, simultaneamente, os exorcistas se organizavam para pressionar o Vaticano a tratar o exorcismo com maior seriedade.

É nesse sentido que as reflexões tecidas neste trabalho buscam estabelecer diferentes níveis de compreensão sobre a compreensão católica de um fenômeno controverso, e que muitas interpretações diferentes tentam firmar-lhe significado. Não se pode afirmar que há um espírito terceiro (demônio) possuindo o corpo do indivíduo, mas os casos de fenômenos chamados de possessão demoníaca e a execução dos rituais de exorcismo como uma abordagem terapêutica, estão muito bem documentados na História, ocupando diferentes lugares de importância dentro da liturgia católica com o devir dos séculos, desde que fora institucionalizado em 1614.

Tomemos aqui, ainda em uma perspectiva foucaultiana, o discurso como um instrumento que, através do uso organizado dos símbolos que compõe a linguagem, consegue alcançar bem mais do que apenas a comunicação verbal ou escrita, mas configura uma complexa prática social intrinsecamente ligada ao exercício do poder, pois os discursos são capazes não só de verbalizar um diagnóstico sobre a realidade, mas também são partes construtivas do social, à medida que elaboram enunciados que alteram a percepção da realidade e solidificam regimes de verdade (Foucault, 1996).

Partimos assim, da mesma premissa que os linguistas pós estruturalistas, que a linguagem não pode ser pensada como reduto das relações entre sujeitos e elementos, entre palavras e coisas, mas assim como Saussure, afirmamos a predominância dos sistemas sobre os elementos, onde a linguagem se torna assim, um campo de observação que possibilita extrair a essência da estrutura do sistema através da análise da relação entre os sujeitos e os elementos. Embora não tenhamos a intenção de cair nas armadilhas do irrealismo essencialmente niilista elaboradas por seus discípulos mais frenéticos.

Desse modo, tomemos o discurso enquanto uma articulação dos sistemas linguísticos que tem poder de definir o que é considerado verdade em determinado contexto, e influenciar como os sujeitos interpretam e compreendem o mundo. Sendo assim, Podemos pensá-lo como uma importante ferramenta para manutenção e imposição de crenças e conhecimentos.

O ritual romano

Partimos então de que, a crença na coexistência de espíritos, de diferentes naturezas que habitam nosso mundo e que podem em algum nível induzir um sujeito a agir de determinada maneira, não é exclusivamente católica, tampouco exclusivamente cristã, “é um fenômeno religioso praticamente universal” (Rabuske, 2001, p.12).

Contudo, nosso recorte se limita a pensar a configuração católica dessa crença, e a forma como a Igreja alimentou e significou essas experiências esotéricas como sendo exclusivamente diabólicas e por consequência, malignas. Sartin (2016) nos explica que há pelo menos três formas pela qual o demônio pode atacar uma pessoa.

O ataque pode vir de diferentes formas, sendo a mais comum a vexação, por meio da qual muitas pessoas são “feridas pelo demônio na saúde, nos bens, no trabalho, na vida afetiva”. Na obsessão, por sua vez, o demônio produz pensamentos repetitivos e destrutivos, deixando a pessoa “num contínuo estado de prostração, de desespero, de tentação de suicídio”. As possessões são a Forma mais intensa – mas igualmente a mais rara – de ataque, no qual “o demônio toma posse de um corpo [...] fazendo-o agir ou falar como ele quer, não podendo a vítima resistir e não sendo moralmente responsável por isso”. (Sartin, 2016, p. 3-4).

Gabriele Armoth, em seu livro “um exorcista conta-nos” (2014) nos adiciona ainda uma quarta forma de ataque que o demônio poderia executar, que se estende sobre objetos, casas e animais, “lembrando o fenômeno popular de polteirgast.

Pontuemos que, a nível prático, todos esses ataques do demônio são anunciados de forma a, não somente justificar, mas de gerar a demanda imediata da intervenção da Igreja sobre

o caso, um discurso estrategicamente moldado para fortalecer a narrativa de que só a Igreja teria autoridade para lidar com esse tipo de caso, com a ação litúrgica do ritual de exorcismo.

Delimita-se assim um campo de poder no imaginário, um poder que em essência reprime todas as outras narrativas e significações sobre esse fenômeno, marcando-as como pagãs, e, portanto, diabólicas (Gomes, 2018), em uma relação assimétrica de poder que molda o próprio sentido da História (Foucault, 1996), ao passo que, delimita o seu discurso como único e universal, e ordena a necessidade, da intervenção da Igreja frente ao fenômeno (até hoje controverso), que os mesmos significam e nomeiam de “possessão demoníaca”. Esse entendimento do fenômeno, urge imediatamente a uma ação corretora por parte da Igreja, um ritual, o exorcismo.

Para Foucault (2008), os discursos estão intrinsecamente ligados ao exercício do poder, podendo determinar como um grupo pensa ou crer sobre um determinado fenômeno, impactando diretamente a formação da sua identidade, pois através do controle do discurso e da definição do que é considerado verdadeiro ou aceitável em uma sociedade, que se delimita as fronteiras de como se deve pensar sobre determinados fenômenos dessa realidade, moldando diretamente a maneira como o sujeito interpreta o mundo. Mas esse controle também não é nada fácil de se estabelecer, e dificilmente se dará de maneira totalmente homogênea, é um combate simbólico, onde o poder opera na microfísica do imaginário, das crenças e do comportamento humano.

A Igreja sempre alimentou a crença na possessão demoníaca e nos exorcismos, e essa prática tem o seu início muito bem estabelecido segundo a tradição sinótica (Bossone 2015), tendo Jesus Cristo como o primeiro exorcista, e a história escrita em Marcos 16:17-18 como suporte de verdade, donde derivam não só este, mas dois importantes ministérios ativos atualmente na Igreja Católica, 1) ministério de exorcismo “16-17. Estes sinais hão de acompanhar aqueles que crêem: em meu nome expelirão demônios...” e 2) ministério de cura “16-18 (...) se impuserem as mãos sobre um enfermo, este será curado” (Rirye, 2007).

Nesse sentido católico, em uma “histórica incompreensão da possessão como fenômeno positivo” (Sartin 2016). A possessão demoníaca é entendida como a tomada de corpo por um espírito na perspectiva implícita da sua expulsão. O maior motivo dito por quem procura a ajuda desses sacerdotes é porque atribuem seu sofrimento psíquico opressão diabólica, pois já buscaram ajuda médica, mas a ciência ainda não possui respostas para seu sofrimento, e não conseguiram os ajudar, então, crentes que estão sendo atacadas pelo demônio, buscam um exorcista.

Esse foi o caso de Cristina, que nos conta sobre suas experiências e sua decisão de buscar um exorcista no documentário de William Friedkin “The Devil and Father Armoth” (2017). O documentário tem a intenção de filmar e mostrar o que seria um “exorcismo de verdade”, feito por um exorcista que de fato teria essa competência (o próprio Gabriele Armoth), e com uma pessoa que “realmente” estivesse possuída por um demônio.

Contudo, o que o documentário nos apresenta, dar-nos margem para pensarmos talvez o aspecto mais contraditório desse ritual, a premissa da manifestação só se fazer presente frente ao ritual, a crise da possessão no seu estado mais grave, quando supostamente o demônio toma posse do corpo do sujeito, só se manifesta exclusivamente assim que o ambiente ritual é definido, um ambiente apartado do cotidiano ordinário e materialista, onde as regras sociais podem ser suspensas e novas e inusitadas formas de experiência e significação podem surgir (Callois, 1998).

Cristina, é entrevistada no documentário antes de iniciarem o ritual, e ela afirma crer está sendo perseguida por um demônio que a possui, e que só o exorcismo pode a ajudar, embora que, contraditoriamente, nesse momento ela se encontra aparentemente em pleno estado de consciência, contudo, logo que começa o ritual de exorcismo, e o padre Armoth começa a delimitar o ambiente ritual com ações de cunho simbólico, Cristina começa a ranger os dentes e demonstrar sinais expressivos de aversão a cada parte do ritual.

O diálogo entre as aflições experimentadas pelos indivíduos em suas vidas e os saberes exorcísticos é definidor do fenômeno da possessão no mundo católico. “à crise da possessão é ritualizada pela ocasião e pelo procedimento exorcísticos” o uso do exorcismo como instrumento para discernir a presença demoníaca (interpelar o demônio e sair à cata de indícios) era bastante frequente. tal prática ilustra a importância das operações rituais no contexto da possessão demoníaca. Em outras palavras, a expulsão do espírito invasor é o meio através do qual a sua presença é designada, nomeada, assinalada. (Sartin, 2016, p.4-5).

O Padre Armoth se mostra profundamente desapontado com o posicionamento de alguns escritores teólogos que propuseram, segundo ele, erroneamente, que o exorcismo só fosse aplicado casos de que se pudesse ter a confirmação de que havia ali uma possessão demoníaca, “ora, se é o próprio ritual de exorcismo que muitas vezes denuncia de forma direta se há ou não possessão” (Armoth, 2008), haja vista que, segundo a tradição católica, a aversão aos símbolos católicos, mais precisamente ao nome de Jesus Cristo ou da virgem Maria, são os maiores sinais da possessão. Então, não precisamos inferir isso, posto que, na tradição católica, é o ambiente ritual que deflagra a possessão demoníaca, e inicia o ritual de expulsão do demônio.

Callois (1998) chama de ambiente ritual, o espaço físico e simbólico que desafiam a realidade cotidiana e oferecem uma experiência transgressora. Os rituais criam um espaço separado do ordinário, onde novas regras passam a operar, as regras do próprio ritual, permitindo assim, os sujeitos experienciarem novas identidades e novos significados de interações sociais. Nesses espaços, as fronteiras entre o sagrado e o real se tornam difusas.

Para nos aprofundarmos na forma como o ritual de exorcismo maior, é realizado de forma que possibilita toda aquela teatralidade curiosa e amedrontadora, onde supostamente há um demônio manifesto no corpo do sujeito, e o padre exorcista invoca rezas antigas que parecem ferir o demônio, onde o sujeito possesso por sua vez, ao resistir as antigas rezas exorcísticas, apresenta tremedeiras, espasmos violentos, ameaças, blasfêmias, alteridade de consciência e vozes guturais, invocamos ao debate Eliade (1992), que entende esse momento ritual dentro do termo Hierofania, e nos fornece alguns outros utensílios conceituais para pensar e “dissecar” o ritual romano.

Ambiente ritual e poder simbólico

Para Eliade (1992) há duas modalidades de experiência aos sujeitos, a sagrada e a profana, essa última sendo uma descoberta bem recente do espírito humano, estando as duas diretamente ligadas a dois tipos de sujeitos figurativos, respectivamente, o homem religioso e o homem moderno. O segundo vive um mundo dessacralizado, neutro onde se preocupa com as condições de sua própria natureza humana “alimentação, sexualidade e trabalho”, mas o primeiro, o homem religioso, este crer está em um mundo onde a sua existência está envolta de eventos esotéricos, vivendo em espaços suscetíveis a tornar-se sagrado.

O homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano. A fim de indicarmos o ato da manifestação do sagrado, propusemos o termo hierofania [...] a história das religiões – desde as mais primitivas às mais elaboradas – é constituída por um número considerável de hierofanias, pelas manifestações das realidades sagradas. A partir da mais elementar hierofania – por exemplo, a manifestação do sagrado num objeto qualquer, urna pedra ou uma árvore – e até a hierofania suprema, que é, para um cristão, a encarnação de Deus em Jesus Cristo, não existe solução de continuidade. Encontramo-nos diante do mesmo ato misterioso: a manifestação de algo “de ordem diferente” – de uma realidade que não pertence ao nosso mundo – em objetos que fazem parte integrante do nosso mundo “natural”, “profano”. (Eliade, 1992, p.13).

A possessão demoníaca e o ritual de exorcismo podem ser categoricamente entendidos aqui enquanto hierofanias católicas, onde o sagrado se manifesta através da expulsão do demônio, uma experiência apartada da realidade cotidiana, como lembra Callois (1998),

contudo, seria para a história, objeto de pura admiração ou curiosidade, dissertar sobre essa manifestação do sagrado em específico, sem discorrer acerca das estruturas de pensamentos e imaginário, e discursos acessados por esses sujeitos religiosos que acreditam e se envolvem nesse ritual, em suma, seria vão falar desse espaço sagrado manifesto, ironicamente, pela presença do demônio, sem falar sobre como se constrói esse espaço sagrado e possibilita o que se vê nos rituais, o que consta como um dos objetivos dessa dissertação.

A ideia de sagrado e profano, evoca-nos pensar uma ruptura entre as maneiras de perceber o espaço, para a “experiência profana” do homem não religioso, o espaço é um lugar puramente neutro, sem nenhuma orientação em sua própria estrutura, o espaço é tudo o que se faz dele de maneira mais imediata, mas para a experiência do homem religioso, o espaço não é de maneira alguma homogêneo, é bipartido, entre o sagrado e o profano, ou, entre “o céu e a terra, o reino de Cristo e seus anjos, e o reino de satanás seus demônios o deus deste mundo” (Armoth, 2008, p.29).

A fim de pôr em evidência a não homogeneidade do espaço, tal qual ela é vivida pelo homem religioso, pode-se fazer apelo a qualquer religião. Escolhamos um exemplo ao alcance de todos: uma igreja, numa cidade moderna. Para um crente, essa igreja faz parte de um espaço diferente da rua onde ela se encontra. A porta que se abre para o interior da igreja significa, de fato, uma solução de continuidade. O limiar que separa os dois espaços indica ao mesmo tempo a distância entre os dois modos de ser, profano e religioso. O limiar é ao mesmo tempo o limite, a baliza, a fronteira que distinguem e opõem dois mundos – e o lugar paradoxal onde esses dois mundos se comunicam, onde se pode efetuar a passagem do mundo profano para o mundo sagrado. (Eliade, 1992, p. 19).

O exemplo citado acima, configura uma delimitação de espaço que se demarca pelos simbolismos, e embora a construção e dedicação de um templo religioso e a sua consagração demarque por si só, uma cisão daquele espaço, agora sagrado, para com o espaço profano que o cerca, não é o único tipo de cisão simbólica dos espaços que pode ser feito, haja vista que dentro do próprio templo, há outras demarcações de espaços onde o sagrado se manifesta de maneiras diferentes, a nave (pátio principal da igreja católica), é já uma área dentro do espaço sagrado, mas para os católicos, é lugar que tem um sentido completamente diferente da capela do santíssimo (por exemplo), um ambiente ritual que se encontra num lugar apartado da nave, num local reservado e silencioso, que encontra seu sentido no ato de constante e respeitosa adoração do santíssimo sacramento, assim como, configura um espaço ambiente ritual, as salas de exorcismos dentro da Igreja católica, um lugar muitas vezes temido pelos próprios fiéis, donde se escuta gritos e vozes horripilantes quando um ritual de exorcismo maior está em curso, um espaço que encontra seu sentido na expulsão do demônio.

O ambiente ritual delimitado, geralmente é rico de simbolismos altamente representativos, construído de forma não só a dar ordem aquele lugar, como também de refletir a estrutura do universo sagrado, de forma que cada elemento dentro daquele espaço pode ter um significado específico, que contribui para a eficácia simbólica daquele ritual, desde os objetos presente, a forma como espaço é disposto, as vestes, e até a privacidade.

Segundo Bossone (2015), os rituais de exorcismo podem ser feitos de duas maneiras, de forma particular e simples, onde pode ser realizado na casa do sujeito com a intenção de libertá-lo de algum mal que porventura esteja o atormentando e pode ser realizado por um leigo ou um sacerdote até mesmo na casa do sujeito. E pode ser feita também de maneira oficial e solene, constituindo uma celebração por meio de ritos e orações que só pode ser realizado por um bispo diocesano, ou alguém por ele determinado e sempre em um espaço “adequado” dentro da Igreja.

Preferencialmente o exorcismo seja realizado na Igreja. Não sendo possível, pode ser realizado num outro local adequado, no qual haja imagem do crucifixo e da Bem-aventurada Virgem Maria. E em ambos os locais, o exorcismo seja realizado separado e sem multidão. (Cassio, 2015, p. 65).

É expressa a necessidade de simbolismos não verbais que remetam ao sagrado para haja possibilidade de realização do ritual, a privação do espaço, uso de crucifixos, a imagem da Santa Maria, as vestes do padre exorcista, a estola roxa que geralmente é usada para envolver o possesso no início das orações, a dispersão da água benta, a presença do “rituale romanu” 1962, uso de óleo ecumênico, e as vezes, é possível que haja uma cadeira ou cama com amarras, para prender e ajudar a conter o sujeito possesso.

Todos esses elementos são fundamentais para a ativação do imaginário religioso do sujeito, para que aquele espaço atue simbolicamente como uma espécie de palco, onde o sujeito inconscientemente irá atuar na dramaturgia do ritual, desempenhando papéis específicos que confirmam e reforçam normas e valores culturais. Exercendo assim a função simbólica desse ritual, tendo a importante função social e simbólica de reafirmação de crenças e valores, esses espaços possibilitam a o reforço de uma identidade religiosa, através do qual os sujeitos podem vivenciar o sagrado em algum nível, e manter uma determinada ordem e coesão social (Callois, 1998), e Armoth ao nos dar um exemplo do poder universal atingido ao verbalizar o nome de cristo, nos cita uma situação que nos permite pensar a sujeição do sujeito frente a um montante de simbólico religioso tão concentrado e minuciosamente organizado, como é no ritual de exorcismo.

Já no final dos exorcismos quando se trata de casos mais graves, aqueles de total possessão diabólica, rezo o hino cristo lógico da carta de filipenses (2,6-

11). Quando chego às palavras <para que ao nome de Jesus todo joelho se dobre nos céus, na terra e no inferno>, eu ajoelho-me, ajoelham-se os presentes, e o próprios endemoninhados vê-se sempre obrigado a ajoelhar. É um momento forte e sugestivo, tenho a impressão de que também as legiões angelicais que estão a nossa volta se ajoelham perante a invocação do nome de Jesus. (Armoth. 2008, p. 30).

É de nosso interesse notar que Armoth, não só escreve sobre a existência de dois planos de existência diferentes, o que vivemos e que está supostamente entregue a satanás, e o plano divino espiritual, uma forma dual de compreender e se relacionar com o mundo a sua volta, que outrora fora essencial para a construção do imaginário religioso cristão acerca do diabo e dos demônios, como também escreve e reforça sobre a importância e o poder dos símbolos utilizados no exorcismo, e ainda a representação filosófica do ritual de exorcismo, o significado primeiro.

Armoth (2008) traz-nos, logo no primeiro capítulo de seu livro, uma concepção muito clara do significado do ritual. O padre apresenta uma visão paradoxalmente cristocêntrica da realidade, onde, ao passo que tudo que fora criado “por Deus e para Deus” e, portanto, “tudo se encaixa perfeitamente num plano divino para os seres”, há um opositor ao qual Deus “permite” que se oponha ele, e seria ele o responsável pela introdução do pecado no mundo, e por separar através do pecado, os homens de Deus, separando o mundo terreno do mundo divino, o qual através do simbolismo da cruz e do mistério pascal, restaurara essa a ligação de Deus com todas as outras coisas do mundo, a cruz é o símbolo da restauração da ordem divina através do “sacrifício do santo cordeiro”. A cruz se apresenta para o exorcista, como um símbolo de purificação, restauração, de religar imediatamente este plano, com o divino, para Armoth, a redenção, simbolizada pela cruz, é fundamental para se entender os desígnios de Deus

O outro simbolismo não verbal que destacamos, que o ritual romano exige é a figura de imaculada virgem Maria, que Armoth lembra como sendo já no século 2 chamada de o quarto elemento da santíssima Trindade.

O ritual romano de exorcismo maior da Igreja católica, é denso de sentidos e significados, quase polissêmico, mas não o é, contudo, para além dos significados manifestos e visíveis do ritual (a libertação do sujeito de um mal), há ainda significados latentes, ocultos aos olhos menos atentos, que comunica e reafirma valores e crenças perante toda a sociedade (Turner, 2008), para o paciente do ritual aquilo significa a libertação de uma mal que o atormenta, mas a lógica filosófica do ritual é organizada de maneira a dar ênfase no poder universal de Cristo, anunciando sua autoridade contra os demônios, mas também assegurando a Igreja como um intercessor entre o plano divino e plano terreno, um meio de acesso ao divino.

Desse modo, o ritual reafirma e concretiza o discurso religioso católico, ora, não se pode ver Deus, mas através do exorcismo, é possível ver de maneira concreta o combate espiritual pelas almas dos homens, que encontram na condição humana seu desafio fundamental, o de resistir o pecado. A possessão demoníaca evoca imediatamente todas essas crenças sensíveis dentro do catolicismo, o inferno, o pecado, os demônios que vivem a derredor como um leão faminto, esperando pra devorar suas almas (1 Pedro 5: 8-9.).

Para além de evocar a crença na palpabilidade do reino de satanás e das suas ações no nosso mundo terreno, da sua busca incessante pelas almas desaviadas, e de todos os outros discursos sobre o diabo que a Igreja propagou e ainda propaga, o ritual encontra o seu sentido máximo filosófico na autoridade que o padre exorcista exerce sobre o demônio ao expulsá-lo, ou contê-lo. O ato do padre exorcista “em nome de Deus” fazer orações imperativas e dar ordem ao demônio, testifica e reafirma acima de tudo, um poder quase magico que a Igreja concentra claro e pode ser aplicado para várias finalidades (Dantas, 2008), é a reafirmação da vitória de Cristo sobre o diabo, da superioridade do divino ao maligno, da resolução final do combate cósmico entre o bem e o mal, da prevalência cósmica do divino, “Cristo com a Cruz venceu o reino de satanás” (Armoth, 2008, p. 42).

Se ao enviar o seu filho unigênito ao mundo o pai tinha tido a intenção de pôr fim ao reino tenebroso de satanás sobre os homens, que modo mais eloquente poderia ter adaptado nosso senhor para o demonstrar. (Armoth, 2008, p. 7).

É a recriação do mito cósmico em pequena escala, a representação teatral e mundana do conflito cósmico que acontece nas esferas divinas, onde anjos e potestades infernais se digladiam até o fim dos tempos, disputando o pós vida das almas humanas.

O Espírito Santo de Deus nos ajude a compreender cada vez melhor que toda ação litúrgica da Igreja é celebração do mistério pascal da paixão, morte e ressurreição de Cristo, expressão máxima da vitória sobre o demônio e desmoronamento de todo o seu poder. Que a liturgia seja celebração da vitória de Cristo sobre Satanás, que biblicamente simboliza os poderes do mal opostos ao reino de Deus, faz parte da experiência de todo cristão. (Gopegui, 2005, p. 400).

Desse modo, até agora o leitor já está atento que a possessão demoníaca, só encontra seu sentido, e muitas vezes só se manifesta, quando está localizado dentro da lógica religiosa do ritual de exorcismo, pois há uma predeterminação da vitória divina. então é na lógica da expulsão que se encontra a possessão, e da mesma forma, infiro dizer que o diabo só encontra também sua lógica, dentro do plano divino de redenção, dentro do que Armoth chama de cristocentricidade.

No seu já citado livro “um exorcista conta-nos”, Armoth traz um capítulo inteiro sobre o poder de satanás, que segue logo abaixo do primeiro capítulo “centralidade de cristo”, que por sua vez se inicia afirmando que o demônio, assim como todas as coisas é também algo criado por Deus e, portanto, deve ser entendida do que ele chama de realidade cristocêntrica, pois deste ponto de vista cristocêntrico depende o papel de cada criatura, os anjos, os homens, e também o diabo e demais demônios (Armoth, 2008).

Podemos ver claramente então, a importância do simbolismo que representa e funda o ritual de exorcismo, a vitória determinada do reino divino sobre o maligno “por isso quando Jesus liberta os endemoninhados, tem uma importância tão especial” (Armoth, 2008, p. 9), e como esse simbolismo fundante é dependente da crença específica em um ser, no diabo, a crença na existência do diabo e seus demônios é condição fundamental para o entendimento do ritual de exorcismo como é proposto, mas não somente, o diabo é condição fundamental para todo o entendimento de uma realidade cristocêntrica ilustrada por Armoth.

A base da centralidade de cristo é a restauração do plano divino, onde tudo e todos retornam ao criador, mas para que haja a necessidade de uma restauração, é necessário que primeiro haja uma cisão, uma separação, entre os mundos.

A luz da centralidade de Cristo é-nos dados ver o plano de Deus, que criou boas todas as coisas, <para ele e por causa dele>. Também nos é dado ver a obra de satanás, o inimigo, o tentador, o acusador, por cuja sugestão entrou na criação o mal, a dor, o pecado, a morte. Daí resulta a restauração do plano divino, operado por Cristo com seu sangue. (ARMOTH, 2008, p. 29).

A separação operada por satanás no ato da introdução do pecado, uma interpretação cristã clássica da história da serpente do gênesis, é o principal gerador do movimento de redenção que compreende toda a promessa de restauração primordial, chamada de centralidade de cristo, “uma cristologia que ignore satanás é raquítica e não poderá nunca compreender o que a redenção trouxe” (Armoth, 2008, p. 32).

Podemos entender o ritual romano de exorcismo como uma espécie de teatralização e reafirmação de um discurso religioso católico que funciona como um pano de fundo geral para a religião católica? Um dispositivo religioso poderoso contra para o imaginário dos fiéis, o exorcista só realiza o ritual em casos de influência diabólicas mais graves, onde há a possessão, mas há outras dezenas de malefícios que Armoth explica ser possível de sofrer através de uma influência demoníaca, e que podem ser curados através de alguma ação litúrgica, como orações específicas ou sacramentos.

O diabo é acionado para manter a necessidade da Igreja, que por sua vez detém o único poder capaz de deter esse terrível mal. Não à toa, Armoth se mostra completamente descontente

com autores teólogos que colocam em dúvida a existência do diabo e outros demônios, mas isso será mais bem exposto ao falar da historiografia do ritual.

Considerações finais

Os exorcismos nunca deixaram de ser praticados, embora essa prática tenha sido silenciada pela própria Igreja Católica ao decorrer do século XX. Da mesma forma que a crença no diabo também não desapareceu do imaginário cristão ocidental doravante aos avanços da modernidade e das ciências.

O pensamento essencialmente positivista, de que a sociedade ocidental adotaria exclusivamente a perspectiva científicista para interpretar os fenômenos da natureza que o cercam, não se verifica na realidade, haja vista que o pensamento religioso nunca fora hegemonicamente descartado, embora tenha sofrido transformações, modificando seus discursos e configurações para melhor se adequar a realidade temporal que se encontram.

Diabo, demônios, inferno, possessão demoníaca, exorcismo, pecado, libertação... são todos elementos de um discurso religioso maniqueísta que projeta para os fiéis cristão uma cosmovisão da realidade que obriga uma categorização dualística dos pensamentos, comportamentos e ideias, como sendo eles, de ordem divina ou maligna, onde o neutro, a esse duelo cósmico, não existe.

Essa forma de pensar o mundo fora construída durante o período medieval e já muito bem estudada e delimitada no campo da história por autores como, Le Goof, Nogueira, Delumeau, Muchembled... Mas o fato é que, atualmente, essa forma de pensar ainda se faz muito presente no imaginário dos sujeitos, contudo, de uma maneira absolutamente complexa, pois a incredulidade moderna também se faz presente no ambiente cultural em que esses sujeitos existem, juntamente com diferentes representações imagéticas advindas da indústria cultural como filmes, séries, músicas, literatura...

Finalizo este artigo com esses dizeres, carregados de uma intenção de despertar mais historiadores a estudarem essa temática do esotérico, afinal, entender os resquícios dessa forma de compreender o mundo, seja através do entendimento sobre possessão e exorcismo ou outro assunto que seja, é também uma via possibilitadora para entendermos o nosso mundo e a maneira como o pensamos e interpretamos os fenômenos a nossa volta.

REFERÊNCIAS

- ARMOTH, Gabrielle. **Um exorcista conta-nos**. 6. ed. aum. São Paulo: Paulinas, 2008. 187 p.
- BOSSONE, Michel. **O exorcista: a representação da possessão demoníaca nos anos de 1970**. Orientador: Profª. Drª. Solange Ramos de Andrade. 2015. 104 p. Dissertação (Pós graduação em História) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.
- CALLOIS, Roger. **O homem e o sagrado**. 7. ed. São Paulo: Edições 70, 1998. 92 p. Possessão e exorcismo na Igreja Católica. Orientador: Ceci Maria Costa Baptista Mariani. 2020. 111 f. Dissertação (Mestre em ciencias da religião) - Pontifica Universidade Católica, Campinas, 2020.
- CHARTIER, Roger. **História Cultural: entre práticas e representações**. 1. ed. MiraFlores: Difel, 2002.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992. 92 p.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. São Paulo: Forense universitária, 2008. 244 p.
- GOMES, Rafael dos Santos. Qual a face do mal? As concepções sobre o diabo na historiografia contemporânea. Orientador: Prof. DR. Bruno Gonçalves Alvaro. 2018. 68 f. TCC (Graduação) - Licenciatura em História. Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2018.
- GOPEGUI, Juan A. Ruiz de. REFLEXÕES EM TORNO À PUBLICAÇÃO DO RITUAL DE EXORCISMOS. **Perspectiva Teológica**, [S. l.], v. 37, n. 103, p. 399, 2005. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/380>. Acesso em: 12 jun. 2024.
- RABUSKE, Irineu. **Jesus Exorcista: Estudo Exegético E Hermenêutico de MC 3,20-30**. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2001. 416 p.
- RYRIE, Charles C. A Bíblia anotada: edição expandida / Charles C. Ryrie. - Ed. rev. e expandida - São Paulo: Mundo Cristão; Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2007. 1504p.
- SANTIN, Philippe. A Igreja Católica, a possessão demoníaca e o exorcismo: velhos e novos desafios. **Temporalidades**, Minas Gerais, v. 8, n. 2, p. 447-468, 17 jul. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/198461502126>. Data de acesso: 20/03/2024.
- TURNER, Victor. **DRAMAS, CAMPOS E METÁFORAS: Ação simbólica na sociedade humana**. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2008. 139 p.